



ANAIIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR Vol. XXV (2025)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

Cinco anos em malas de cânfora: que Macau trazer no regresso à Europa (1934-1939)?

Luís Cabral de Oliveira 

Como Citar | How to Cite

Oliveira, Luís Cabral de. 2025. «Cinco anos em malas de cânfora: que Macau trazer no regresso à Europa (1934-1939)?». *Anais de História de Além-Mar* XXV: 43–83. <https://doi.org/10.57759/aham2025.48985>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.ª de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2025. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2025. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

Cinco anos em malas de cânfora: que Macau trazer no regresso à Europa (1934-1939)?

Luís Cabral de Oliveira*

Anais de História de Além-Mar XXV (2025): 43-83.

DOI: <https://doi.org/10.57759/aham2025.48985>.

Resumo

A partir das listagens que, surpreendentemente, se conservaram afixadas no interior das malas de cânfora trazidas por um casal de portugueses que lá permaneceram durante alguns anos na década de 1930, este artigo pretende perceber o seu quotidiano no Oriente e como, uma vez regressados à Europa, procuraram recriar, com base nos muitos objetos que trouxeram, uma versão e uma visão de uma Macau que de algum modo idealizaram e que acabou por os influenciar profundamente.

Palavras-chave: Macau, 1930, portugueses no Oriente, aquisição de peças orientais.

Abstract

The aim of this article is the analysis of some lists pinned in camphor wood trunks as a means of understanding not only how do the Portuguese civil servants lived in Macau during the 1930s but also how the couple Rocha Saraiva managed to create their own perspective of Macau after returning to Europe.

Keywords: Macau, 1930, Portuguese in Asia, Chinese and Asian artistic products in Portugal.

Date of submission: 7/11/2022

Date of approval: 3/07/2026

Data de submissão: 7/11/2022

Data de aprovação: 3/07/2026

* Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, Portugal.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-7220-3673>. E-mail: luiscabraldeoliveira@fd.ulisboa.pt.

*Em memória de Maria Alice da Rocha Saraiva Lopes
e Maria Isabel da Rocha Pinto Leite*

Considerações introdutórias

Um dos aspetos que andam habitualmente associados à passagem dos portugueses por Macau é a aquisição de peças chinesas (mais ou menos raras, antigas e modernas, de gosto discutível ou quase unanimemente apreciadas) que depois trariam consigo no regresso à Europa e, assim, passariam a marcar presença em casas espalhadas por todo o país. Quer os livros de informação genérica – atente-se, a título meramente exemplificativo, em Hermengarda Marques Pinto (Pinto 1955, 75-76), ou no muito mais recente Beltrão Coelho (Coelho 1990, 90), este adotando uma postura já relativamente crítica¹ –, quer os testemunhos dos que viveram e refletiram sobre Macau (Inso 1997, 12-13²) referem esse gosto, quando não convertido em obsessão, pelo que era produzido localmente. A própria literatura registou o fenómeno: pense-se na Macau de Maria Ondina Braga, na década de 1960, onde a austeridade e a exiguidade dos aposentos das professoras do Colégio de Santa Fé contrastavam com o frenesi da busca de peças ricas disponibilizadas pelo tráfico nascido à sombra da Cortina de Bambu (Braga 1991, 38³).

Este afã da compra, por vezes compulsiva, de mobiliário, têxteis, porcelanas e uma grande quantidade de peças dos mais diversos materiais por portugueses residentes em Macau encontrou (e aqui já entro em níveis de conhecimento e exigência artística que ultrapassavam muitíssimo os do casal que estudarei no presente trabalho) os seus expoentes máximos, em finais do século XIX e na primeira metade do século seguinte, em Camilo

¹ Em qualquer das obras encontram-se descrições um tanto estereotipadas dos *tin-tins*.

² Autor a quem me vou reportando também por ser contemporâneo da família que estudarei no presente artigo.

³ Ou a ânsia de acumulação de Dhora, revelando a pulsão simultaneamente lusa e goesa pelo bricabraque chinês, sempre a economizar de forma a conseguir adquirir mais (Braga 1991, 85-86, 94, 113, 127).

Pessanha⁴ e Silva Mendes (Botas 2017; Aresta, Gonçalves e Quadros 2017; Teixeira 1997, 228-231). Sendo certo que, por outro lado, havia os que lhe permaneciam insensíveis. António Sérgio, que viveu poucos meses em Macau (onde, contudo, seu avô fora governador), é taxativo: “[c]oisas bonitas para presentes? Para mim não o são: não gosto do chinesismo nem do japonismo” (Pires 1988/89, 111, 116). O próprio padre Manuel Teixeira parece descrever com algum desdém o “vício” de Silva Mendes e Pessanha como “coleccionadores de chinesices”, sendo particularmente ríspido para com o poeta conimbricense (Teixeira 1997, 228-230, 237-240).

O gosto por objetos asiáticos e a montagem, como se de cenários se tratasse, de *salas chinesas* (ou *de Macau*) e *indianas* (ou *de Goa*) – que existiram em bom número entre nós entre meados do século XIX e a primeira metade do século XX – podem, é certo, ser entendidos como um reflexo muito modesto, e local, do orientalismo que dominava parte da sociedade europeia da época. António Hespanha considera-o mesmo de uma “indementível superficialidade” quando comparado com o que floresceu noutros países ocidentais (Hespanha 1999, 29).

No entanto, em dadas circunstâncias, mesmo os mais despretenhosos ecos são suscetíveis de produzir efeitos interessantes. Esse pode ser, penso, o caso da família que me proponho analisar neste trabalho: ao regressarem de Macau, trazem consigo uma enorme quantidade de objetos que, influenciando profundamente os ambientes portugueses em que se movem (servindo inclusive para a recriação de verdadeiras composições orientalizantes), ajudam a, no mesmo passo, produzir uma marca distintiva e suprir as saudades de um tempo e de uma terra dos quais a passagem dos anos acabou por apenas deixar ridentes memórias, assim constantemente alimentadas. Para melhor compreendermos esse seu esforço de (re)constituição de ambiências, recorri a uma pluralidade de fontes bastante díspares entre si: a memória oral, passando, forçosamente esmaecida mas omnipresente, através das gerações; vários dos objetos que acarrearão; e, acima de tudo, as

⁴ Pessanha, curiosamente, tinha ligações fortes a Mouronho, localidade próxima da Venda do Porco, terra natal de Maria Celeste da Rocha, de onde provinha a sua família materna e onde passou algumas temporadas. Remete aliás para os tempos passados nessa aldeia uma das primeiras alusões que faz a peças orientais: uma chávena de café que a mãe reservaria para uso de Pessanha. Se é certo que, conforme explica Daniel Pires, “[c]oincidiu com a chegada de Camilo Pessanha ao Oriente o acumular meticoloso e sistemático da sua colecção de arte chinesa”, remontando “a essa época a sua colaboração com Lourenço Pereira Marques, na recolha de uma colecção etnográfica que constitui, muito provavelmente, a primeira do género enviada para Portugal e que veio enriquecer o património da Sociedade de Geografia de Lisboa” (Pires 1992, 19), é lícito ponderar o peso que o simbolismo da chávena chinesa associada à figura materna teve no início das suas buscas por antiqúários e *tin-tins*.

listagens preservadas afixadas em algumas das malas de cânfora de que se fizeram acompanhar, repletas de peças e reminiscências.

Em Macau

Na década de 1930 viajar até ao Oriente era uma autêntica aventura. Macau, visto de Portugal, ficava nos confins do mundo. Para lá, iam sobretudo os militares. Dos chamados civis, iam alguns funcionários superiores da administração pública, engenheiros, médicos, magistrados... e crianças para o Seminário de S. José.

Os funcionários públicos ficavam por Macau entre quatro a seis anos. Quem pretendesse prolongar a estadia tinha que o requerer ao Ministério das Colónias (mais tarde do Ultramar). Quando aceite, passavam aos “quadros coloniais/ultramarinos” e ficavam pelo Extremo Oriente em comissões sucessivas. Havia exceções mas por norma o deferimento dava-se quando houvesse casamento com macaenses ou chineses. Com os militares a situação era idêntica.

Apesar de já existir a hipótese do avião, nomeadamente através da KLM a partir da Europa, a via marítima era a mais utilizada. Uma viagem dispendiosa e longa. Na melhor das hipóteses, de Marselha a Hong Kong levava-se 30 dias e até ao Japão quase 40 dias, via canal do Suez. (Botas 2012, 51-52)

Para descrever a Macau dos finais dos anos 1930 e inícios dos anos 40, o autor segue “um casal de portugueses que no Verão de 1939 partiram de Lisboa rumo ao território”, os quais constituirão o meio através do qual “será feito o retrato do quotidiano macaense” (Botas 2012, 46). Ora, se é certo haver diferenças significativas entre a experiência desta família, os Semedo de Oliveira, e os Rocha Saraiva (ou seja, a família que me proponho estudar, composta por Vítor Saraiva Lopes, Maria Celeste da Rocha e a única filha do casal, Maria Alice) – desde logo porque se instalam em Macau em alturas cujo contexto político e social era significativamente diferente –, outros aspetos há que justificam o seu cotejo.

Assim sendo, boa parte das considerações tecidas por João Botas fazem eco na experiência dos Rocha Saraiva. Desde logo porque, em qualquer dos casos, estamos perante famílias de militares que são destacados para o Oriente. Vítor Saraiva Lopes parte efetivamente na qualidade de tenente de artilharia para Macau. E se no que respeita aos Semedo de Oliveira desconheço a razão da sua nomeação, penso dispor de algumas pistas mais esclarecedoras quanto aos Rocha Saraiva.

Vítor Manuel Saraiva Lopes nascera em 1894, no Vimeiro, onde o seu pai era chefe da estação de caminho de ferro. Mais tarde, a família rumou a Coimbra, aí se fixando. A proximidade com os Perestrelo e o facto de a sua mãe arrendar quartos, na casa que tinham em Coimbra, a alguns rapazes pertencentes a famílias conceituadas da Beira que aí vinham estudar, bem como um feitio sociável e extrovertido, levaram a que rapidamente entrasse na roda mais seleta da cidade. Prosseguiu estudos na universidade, não chegando porém a concluir a licenciatura. Em 1916, ainda estudante, casou com Maria Celeste da Rocha Abranches Borges da Gama,⁵ filha primogénita de um abastado casal beirão, que, embora residisse em Coimbra, possuía vastas propriedades na região de Coja, Tábua e Oliveira do Hospital (Oliveira 2005, 29-72). O epicentro dos bens dos seus pais, o comendador João Maria da Rocha e Maria da Luz Borges da Gama, era a quinta da Venda do Porco⁶ – a qual, com as contíguas quintas do Vale da Carvalha e do Pereiro, bem como os pinhais das Almas e dos Balagoches, cobria uma área de quase duzentos hectares. Teve duas irmãs, todas educadas em Coimbra no colégio das Ursulinas: Maria José e Arminda da Conceição Borges Abranches Rocha.⁷ Aquela casou, em 1918, com Pedro Augusto Pereira de Castro, que era 26 anos mais velho do que a noiva, pelo que já tinha, à data do enlace, a carreira estabilizada. Pedro de Castro, licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, foi juiz conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça e um magistrado que se preocupou particularmente com a tutela e direitos dos menores. Tendo desempenhado, nos tempos da Monarquia, funções de presidente da câmara e de administrador do concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, onde nascera, a sua trajetória política disparou sobretudo após a proclamação da República, à qual aderiu na sequência do 5 de Outubro de 1910. Foi, sucessivamente, escolhido para

⁵ O enlace foi descrito com grande destaque, acompanhado por várias fotografias, nas páginas da *Ilustração Catholica* (n.º 180, ano IV, 9/12/1916, p. 312).

⁶ Ou das Vendas do Porco, o nome tradicional da localidade (alterado em virtude da colocação de sinalética na então chamada Estrada da Beira, no século XX, mas que se manteve oralmente), devido ao facto de, nos seus primórdios, a casa que lhe deu origem ter sido uma estalagem.

⁷ Casou com o seu primo José Maria Viegas Pimentel, natural da Abraveia (Vila Nova de Poiares) e licenciado em Medicina pela Universidade de Coimbra. O único membro da família que, à data em que o presente artigo começou a ser elaborado, tinha uma ideia – ainda que muito vaga, pois era então uma criança – do regresso dos Rocha Saraiva de Macau era uma filha deste casal, a Dra. Maria Luísa Borges Rocha de Moura Pimentel Taborda, entretanto falecida. Ao seu sobrinho, António Filipe Pimentel, e ao filho deste, Henrique Viegas Pimentel, deixo um agradecimento especial pela colaboração que prestaram na elaboração do presente trabalho.

governador civil do Porto (1920), deputado (1922 a 1925) e, sobretudo, ministro da Justiça. Ocupou a pasta durante poucos meses, entre 22 de novembro de 1924 e 15 de fevereiro do ano seguinte, no governo de José Domingues dos Santos, mas a sua passagem pelo ministério foi importante na história dos Rocha Saraiva.

Pouco depois de casar, Vítor Saraiva Lopes alista-se nas forças armadas, onde prosseguirá carreira. A 12 de julho de 1919, vivendo já em Lisboa (nesse ano, a 22 de agosto, nasce a sua única filha), é promovido a alferes de artilharia. Só ascenderá a capitão em 1941, antes de passar à reserva.

Ora, quando Pedro de Castro assume a pasta da Justiça, convida o cunhado para secretário particular do ministério. Nessa altura, os Rocha Saraiva parecem poder aspirar a um futuro risonho e seguro na capital. No entanto, o período de forte instabilidade que então se vive revelar-se-lhes-á desfavorável e, em 1926, Vítor Saraiva Lopes não parece ser olhado com plena confiança pelo novo regime que se vai desenhando.⁸ Isto não obstante uma aproximação ao regime quando do regresso do Oriente, certamente cimentada pelas antigas relações pessoais com Salazar e sua família (de quem era conterrâneo) e, sobretudo, pelos Perestrelo Botelho.

Terá sido nesse contexto, menos interessante ao nível profissional, que ou opta por ir em comissão para Macau ou é de facto lá colocado. De seguro, por enquanto, sabe-se apenas que há no Arquivo Histórico Militar registo do processo político que lhe foi levantado em 1931, parecendo ter-lhe sido fixada residência em Almeida na sequência do mesmo.⁹

Em Macau, Vítor Saraiva Lopes integrará a companhia de artilharia. Segundo o *The Directory and Chronicle for China, Japan, Corea, Indo-China* [...] de 1938, a mesma era encabeçada pelo comandante (capitão António Marques da Costa) e por cinco tenentes, um dos quais Saraiva Lopes. Em paralelo, é contratado como professor de educação física no Liceu de Macau.

Num dos excertos acima reproduzidos, João Botas refere que a ida para Macau era quase invariavelmente “[u]ma viagem dispendiosa e longa”.

⁸ Os primeiros indícios parecem remontar a 1925. Quando, a 10 de fevereiro desse ano, o então ainda ministro Pedro de Castro apresenta uma proposta para condecorar o cunhado, na qualidade de secretário particular do ministério, com o grau de cavaleiro da ordem de Cristo, esta é indeferida – <https://www.arquivo.presidencia.pt/details?id=137675> (acedido a 14 de julho de 2022).

⁹ <https://ahm-exercito.defesa.gov.pt/details?id=61123&detailsType=Description> (cod. referência: PT/AHM/FO/033/1/433/796) (acedido a 14 de julho de 2022).

São precisamente esses os ecos que chegaram – ao que talvez se possa acrescentar ter sido, para além de “dispendiosa e longa”, divertida. Restaram várias historietas da vida em alto mar. Uma das mais repetidas ocorreu num dos bailes a bordo. Vítor Saraiva Lopes, espírito naturalmente expansivo e *bon vivant*, teria dançado com uma senhora que usava um vestido branco. Ora, ele envergava um *smoking* com uma faixa *bordeaux* – sendo que, no final da dança, e devido ao calor, o traje da senhora teria ficado manchado com uma pouco estética tira avermelhada e o par muito embaraçado face aos comentários jocosos dos seus companheiros de viagem.

O preço da deslocação foi efetivamente um obstáculo para os Rocha Saraiva, que não só contraíram um pequeno empréstimo dando como garantia várias peças em prata, como pediram o restante capital ao cunhado José Maria Viegas Pimentel.

Certo é que, em 1934, foram desde Marselha a Hong Kong a bordo do *Aramis* (fig. 1) – do qual ainda se conserva um postal num dos chamados álbuns de Macau: *Souvenir de voyage “Aramis”. Nouveau Paquebot des Messageries Maritimes*.



1 Macau, década de 1930 (coleção Casa da Venda do Porco). Créditos: Autor.

Existem ainda algumas fotos da viagem, provavelmente assinalando os pontos que mais marcaram a família: Gibraltar, Tânger, Canal de Suez, Ceilão – o que é muito semelhante ao caso dos Semedo relatado por João Botas (Botas 2012, 52).

Não foi possível apurar a data exata em que chegaram a Macau. Mas, contrariamente aos já várias vezes referidos Semedo, dos quais restou apenas um curioso diário de viagem (Botas 2012, 53-55) – e este é, assim, de alguma forma, um complemento do esforço desenvolvido por João Botas –, as memórias familiares, os registos fotográficos e as compras feitas ao longo de todo esse período permitem reconstituir parcialmente a vida que levaram durante os anos em que lá permaneceram. Aliás, uma das notas que parecem dominar as impressões conservadas no referido diário é a surpresa de Augusta Oliveira face aos objetos, já de sabor mais orientalizado, que lhe iam propondo comprar ao longo da viagem: em Tânger, foram ter ao navio “barcos com coisas lindas para vender”; no Sri Lanka, mais concretamente em Colombo, “saíram muitos passageiros, e ofereceram caixas para costura lindas e elefantes de marfim” (Botas 2012, 53). Caso tenha vivido uma experiência semelhante, é plausível que Maria Celeste Rocha tenha começado a compreender o tipo de compras que poderia levar a cabo durante os anos passados no Oriente.

Importa, antes de mais, tornar a frisar que todos os registos recolhidos indicam que gostaram muito de lá estar – provavelmente por terem tido a sorte de viver em Macau num dos períodos mais risonhos que o território conheceu durante o século XX (Botas 2012, 198-199). Isto apesar de até então pouco saberem sobre o quotidiano chinês e macaense.¹⁰ É, porém, possível que a ideia de exploração de uma realidade tão diferente da que conheciam os tenha acabado por seduzir – o que, no caso de Maria Celeste da Rocha, se parece ter também traduzido no interesse em adquirir peças que ilustrassem o processo de relativa “orientalização” que ela e a sua família mais próxima foram sofrendo.

Começemos pelas fotos desses anos. Havendo-as de vários tipos, abster-me-ei de tecer considerações relativas às que parecem ter sido compradas aos fotógrafos locais (algumas das quais semelhantes às que Ferreira de Castro publicará pouco tempo depois na edição ilustrada do seu *A Volta ao Mundo*). Essas têm um carácter acima de tudo etnográfico: cortejos do

¹⁰ Um pouco como o casal Ernesto (também oficial do exército) e Maria Edwiges Leal, que se instalam em Macau em 1939 (Botas 2012, 172-173). Sobre a ignorância que, à época, dominava em Portugal relativamente a Macau, veja-se Inso (1936, 359-386).

dragão, lorchas, chineses a fazer refeições, compra de louça nas ruas, um barbeiro, um peixeiro. Várias delas, como não é de surpreender, têm o carimbo do fotógrafo José Neves Catela, que imortalizou a vida em Macau entre 1925 e 1940 (Botas 2012, 67).

Mais interessantes para o propósito deste trabalho são as fotografias tiradas pela família em diferentes contextos. Especifico quatro núcleos: (i) vida militar em Macau, (ii) eventos com personalidades locais, (iii) dinâmicas quotidianas e (iv) imagens captadas em viagem.

Quanto às primeiras (ou seja, as relativas à vida militar em Macau), existem várias retratando paradas, exercícios militares, vistas de quartéis. As anotações que se encontram em várias delas ajudam a localizar melhor o local e momento em que foram tiradas. A título meramente ilustrativo: “[Quartel da] Companhia de Artilharia. Macau – 1934”; “Macau – Guarda de Honra do Sr. Governador”; “Macau – Quartel [de artilharia]. Visita do Ex.mo Governador”; “Macau – Juramento da bandeira”; “Bateria em Macau”; “Carreira de Tiro. Ilha da Taipa”; “Macau – Escola de Recruta”.



2 Macau, década de 1930 (coleção Casa da Venda do Porco). Créditos: Autor.

No que diz respeito ao segundo núcleo, há, designadamente, fotografias com “[o] Ex.mo Bispo Senhor D. José [da Costa Nunes]” em primeiras comunhões (**fig. 2**); e dos Rocha Saraiva com o governador, sua mulher e outras pessoas nos jardins do palácio dos barões do Cercal. Durante o período que viveram em Macau, o território foi governado por António José Bernardes de Miranda (nomeado em abril de 1932, pediu para ser exonerado do cargo em finais de 1935, sendo substituído interinamente até à tomada de posse do seu sucessor) e Artur Tamagnini de Sousa Barbosa.¹¹ O primeiro deles, tenente-coronel de artilharia, parece ter sido muito mais próximo dos Rocha Saraiva. Talvez por, para além de ser oficial, ter ligações fortes à Beira (nascera em Carregal do Sal), de onde quer Vítor Saraiva Lopes, quer Maria Celeste da Rocha eram naturais. Tal justifica haver, espalhadas pelos álbuns vindos de Macau, não só fotografias *tipo passe* de Bernardes de Miranda e da sua mulher como alguns instantâneos da sua partida, rumo a Portugal (**figs. 3 e 4**).



3 Macau, década de 1930 (coleção Casa da Venda do Porco). Créditos: Autor.

¹¹ Sobre Tamagnini e a sua personalidade, veja-se o curioso depoimento de Ernesto Leal recolhido em Botas (2012, 172-173).



4 Macau, década de 1930 (coleção Casa da Venda do Porco). Créditos: Autor.

Quanto às fotos que captam aspetos da vida quotidiana, encontram-se instantâneos de partidas de ténis, jantares oficiais, passeios de riquexó (numa delas lê-se inclusive a seguinte legenda: “Riquechó – puchado [*sic*] por Cules”, grupos no jardim Lou Lim Iok, idas a Mong-Ha, refeições entre amigos. No respeitante a estas últimas, penso que há um aspeto que chama a atenção: tiradas em casas de particulares (provavelmente algumas até na residência dos Rocha Saraiva) (figs. 5 e 6), os ambientes fotografados são todos muito despojados – o que, no caso da família em análise, está em gritante contraste com a decoração depois montada em Portugal a partir das muitas peças trazidas de Macau. Curiosamente – ou não, uma vez que lá não fazia sentido qualquer tentativa de construção de uma realidade orientalizante e, decerto, importava manter, apesar de tudo, uma matriz claramente europeia –, não surgem, nestas fotografias de Macau, os móveis, as louças, os bibelôs que de modo tão recorrente aparecem nas mais tarde tiradas em Portugal. Ao percorrer os “retratos de Macau”, fica-se com a ideia de uma vida doméstica passada sobretudo em varandas e terraços, entre bancos e cadeiras de verga, mesas de pau sem ornatos e recorrendo a louças práticas e simples.



5 Macau, década de 1930 (coleção Casa da Venda do Porco). Créditos: Autor.



6 Macau, década de 1930 (coleção Casa da Venda do Porco). Créditos: Autor.

Isto sem esquecer, naturalmente, as imagens mais construídas, de grandes grupos posando em ocasiões oficiais ou no Carnaval.



7 Macau, década de 1930 (coleção Casa da Venda do Porco). Créditos: Autor.

Restam os registos relativos a viagens. Aqui, faço uma tripartição: Taipa, Hong Kong e China. A jornada até à Taipa, naqueles tempos, era muito menos comum e mais difícil (Botas 2012, 66). Existem assim fotografias das idas e vindas para aquela ilha, onde se faziam piqueniques. As anotações que se encontram em várias delas ajudam à contextualização. Escolho aleatoriamente umas das páginas dos álbuns ditos “de Macau” para aí ler: “Ele prepara os bife... O Dr. Vargas Moniz. 1-Set-935 Macau” (e vê-se o clínico, que tão conhecido viria a ser no território, sentado num banquinho junto ao bico onde se equilibra uma frigideira); “Grupo simpático e amigo. Taipa – 8-Set-1935”; “A pequenada come com fachis [*sic*, e sublinhado no original]; “O Estoril – 1935 – Macau” (posam numa estrutura de madeira com escadas que parece estar junto ao mar, talvez um suporte para mergulhos); “Depois do almoço. Preparar p.a a tarde” (com Vítor Saraiva Lopes e um amigo a preguiçarem em duas *chaises longues* de lona); “Taipa 8 Set. 935”; “A caminho da Taipa. 8 Set – 35”; “Bem dispostas. Taipa. 8 Set. 1935”; “Metidas numa champanha – Taipa 8/Set/935”. Também há fotografias de refeições apenas frequentadas por homens, provavelmente na sua maioria militares, várias delas com indicações de serem “caldeiradas”. Nas anotações manuscritas em algumas dessas imagens pode ler-se: “A caldeirada nos Sete Tanques – Taipa + fado”; noutra: “Com saudades de Portugal ouve-se o fado”; noutra ainda: “Ja satisfeitos, conta anedoctas engraçadas o major Ferreira da Silva” (fig. 7).



8 Macau, década de 1930 (coleção Casa da Venda do Porco). Créditos: Autor.

Em paralelo, encontram-se várias fotografias tiradas em Hong Kong, onde, como acontecia com a generalidade dos europeus que viviam em Macau, os Rocha Saraiva se deslocavam com alguma frequência:¹² a bordo, já em terra, retratando paisagens, ou assinalando visitas a locais turísticos como Repulsa Bay. Finalmente, há registos de incursões na China, em camioneta.¹³ A crer nos registos fotográficos, visitaram pelo menos Li-Chai, Siaqui (Siac-Ki) e Cantão (**fig. 8**).

Retornemos por um momento a Hong Kong: as idas à colónia britânica, que eram aproveitadas por Maria Celeste da Rocha para aquisição de algumas peças, também se justificavam por a filha do casal ter estudado na Sacred Heart Canossian School (o que contribuiu para uma educação muito mais anglicizada do que a generalidade das raparigas portuguesas, cujo ensino era assumidamente francófono)¹⁴ (**fig. 9**).

¹² Segundo o depoimento de José Silveira Machado, “[o] barco de Hong Kong para Macau demorava mais de três horas e parecia uma feira, com vendedores e jogadores” (*in* Botas 2012, 191).

¹³ Outra das novidades da Macau de 1930 (Botas 2012, 57-58).

¹⁴ Anos antes, em 1905, quando em Macau, António Sérgio descreve uma destas senhoras educadas na colónia britânica e que em tantos aspetos se distinguiam das que ficavam em Portugal (Pires 1988/89, 114-115).



9 Hong Kong década de 1930
(coleção Casa da Venda do Porco).
Créditos: Autor.

Para além dos registos fotográficos, e por não terem restado quaisquer cartas trocadas durante este período, subsistiram memórias esparsas, que, de tão rememoradas, se foram desvanecendo ao longo dos anos até se tornarem meros clarões. Por exemplo, embora se desconheça onde os Rocha Saraiva moraram em Macau, ficou a lembrança de que a casa dispunha de um grande terraço, onde se tomavam algumas refeições (nomeadamente o pequeno-almoço), e que contavam, como pessoal doméstico, com uma criada de dentro, uma cozinheira e um *boy* para recados, compras, carregos e outros trabalhos do género. Mais: seriam todos chineses e as duas funcionárias passariam grande parte do dia a discutir uma com a outra a quem incumbiam as tarefas domésticas. De resto, para lá dos episódios relativos ao afã com que Maria Celeste da Rocha se dedicava à sua deambulação pelos *tin-tins*, tão depressa se evocavam os dias daquela Macau feliz e abastada (para os europeus que lá estavam em comissão, naturalmente), onde as festas se sucediam, e o cosmopolitismo de Hong Kong, como as diferenças de costumes face a Portugal (onde, por exemplo, as mulheres raramente conduziam). Persiste, aliás, uma nota de amargor no cotejo entre ambos os

loais – Portugal e Macau –, frisando-se as dificuldades de adaptação sentidas quando do regresso à Europa.¹⁵

Em comparação com o cenário vivido pelo território na década de 1940, os Rocha Saraiva tiveram a ventura de aí levarem anos de descontração e abastança.¹⁶ Deixam-no, assim, podendo dele manter uma ideia ridente – reforçada pelo passar dos anos, que tendem a sublimar as boas recordações em detrimento dos momentos menos felizes, bem como pelo grande número de objetos que de lá trouxeram. Certo é que, em qualquer caso, a Macau do pós-guerra já em muito se diferenciaria da que tinham conhecido.

Retornarão, pois, à Europa em 1939. Segundo os postais promocionais conservados nos álbuns onde se recolheram memórias de Macau, embarcaram no *P. & O. Turbine – Steamer “Corfu” 15,000 Tóns* (é essa a legenda que consta das respetivas fotos, onde Saraiva Lopes anotou: “O Barco que nos transportou de Hong-Kong a Singapura. Saída de Hong-Kong em 15-4-1939”).

Depois, amparando-me sempre nos postais cuidadosamente guardados, prosseguiram no D.M.S *Sibajak*, sendo a “[c]hegada a Lisboa em 12-5-1939”. Da viagem, há fotografias captadas em Singapura, Ceilão, Port Said e Tânger (**figs. 10, 11 e 12**).



10 A caminho de Lisboa (coleção Casa da Venda do Porco). Créditos: Autor.

¹⁵ Chegados a Portugal, a família que cá permanecera ter-se-ia horrorizado ao saber que em Macau se comiam pernas de rã.

¹⁶ Para maiores desenvolvimentos sobre esta época, cf. Darwin (2016, 448-453, 462-463, 476-477), Chesneax (1976, 32-34), Mendes (2016, 28-30), Botas (2012, 39, 41-46, 49-51).



11 A caminho de Lisboa (coleção Casa da Venda do Porco). Créditos: Autor.



12 Port Said (coleção Casa da Venda do Porco). Créditos: Autor.

Uma jornada desta amplitude, para mais nos anos 1930 e num contexto internacional bastante instável, exigia invariavelmente uma preparação cuidada e demorada. Isto em circunstâncias ditas normais, quando a bagagem a transportar não excedia os volumes habituais. No entanto, os Rocha Saraiva integram o grupo dos portugueses que trazem consigo do Oriente um conjunto significativo de peças, representando uma série muito considerável de volumes e envolvendo o transporte de objetos assaz diferentes. Desde numerosas (e, em alguns casos, volumosas e pesadas, apesar de a generalidade das peças ser facilmente desmontável, de acordo com as técnicas tradicionais chinesas, aprimoradas quando estavam em causa móveis destinados à exportação (Mota e Lorena 1999, 171-173)) peças de mobiliário a inúmeras porcelanas, centenas de têxteis e uma miríade de pequenos objetos utilitários e decorativos.

Maria Celeste da Rocha, que diligentemente tinha conseguido, entre 1934 e 1939, acumular todo aquele conjunto, não soçobrou e, dando mostras do método e capacidade de gestão que a caracterizavam, tudo emalou e embalou com o maior cuidado e rigor. Dessa grande empreitada – que no fundo completava e coroava a política de aquisições que marcou a sua passagem por Macau – ficaram alguns testemunhos interessantes: as listas detalhadíssimas, cuidadosamente datilografadas, que colou no interior de cada uma das doze malas de cânfora em que embalou parte dos seus pertences rumo a Portugal. Graças a elas, temos perfeito conhecimento do que constava (se bem que apenas parcialmente) da sua bagagem. Trata-se, assim, de um documento pouco comum e importante para uma melhor compreensão destas remessas de bens de produção oriental para território europeu.

Recrutar e reviver Macau em Portugal

Um dos sobrinhos-netos do casal, o historiador de arte António Filipe Pimentel, à data ainda muito jovem mas já atento à origem das peças que o rodeavam, lembra-se de ter perguntado a Maria Celeste da Rocha a razão da existência de tamanha profusão de artefactos orientais numa casa onde, à partida, não fazia muito sentido encontrá-los. A resposta, recorda, foi lapidar: teria sido uma pena não ter “aproveitado os anos” em que lá estivera para adquirir o máximo de objetos que, de outra forma, era quase impossível reunir. E que, “para isso, fazia visitas regulares aos *tin-tins*”. Aliás, António Filipe Pimentel conheceu, anos mais tarde, um casal português que estivera

em Macau na mesma altura que a família Rocha Saraiva, o qual lhe explicou que até para a época e contexto “as compras [de Maria Celeste da Rocha] foram fora do comum”.

De facto, basta relembrar – de forma sempre incompleta, pois houve várias peças que se foram naturalmente perdendo com o rolar dos anos – o que ainda existia na década de 1980 para termos alguma noção da dimensão da política de compras que, com um orçamento forçosamente limitado, o casal colocou em prática durante a sua estadia em Macau.

Em termos visuais, o conjunto de maior aparato – e, por tal, usado de facto com intenções mais cenográficas praticamente desde a chegada a Portugal – era uma generosa série de peças de mobiliário ditas “à moda de Cantão”, ou seja, de pau-preto (avermelhado de origem, mas pintado de negro, conforme explica Hermengarda Marques Pinto) com incrustações de madrepérola. Apesar de não serem todas da mesma origem e antiguidade, as peças dialogavam eficazmente entre si – constituindo o que parecia ser, para os olhares menos experimentados, uma mobília completa.

Havia pois que, em termos muito genéricos, dividi-las em dois grupos: aquelas que eram consabidamente mais antigas e as produzidas já nos anos de 1930. Entre as primeiras, a *pièce de résistance* era uma mesa de sacrifícios cujo historial de aquisição foi repetido vezes sem conta para ilustrar os esforços e os talentos da compradora. Foi descoberta, imunda, num escuro *tin-tin*. Apesar da sujidade e do descuido com que estava jogada para um canto da loja, Maria Celeste da Rocha terá percebido que tinha bonitos embrechados de madrepérola. Perguntou ao vendedor quanto queria por ela: a resposta que recebeu foi um valor absolutamente proibitivo para o seu orçamento. Fez uma contraproposta, imediatamente recusada. A partir de então, com grande regularidade, passava pelo *tin-tin* em questão e repetia o procedimento. Entretanto, ia amealhando os recursos possíveis, de modo a estar pronta para fazer o pagamento se e quando chegassem a acordo. Passaram-se meses, até que, por fim, o comerciante cedeu (talvez por exaustão) e a transação foi efetivamente feita. Quando Maria Celeste da Rocha fez trazer a mesa para casa e a deixou num pátio, as reações da família e das duas empregadas que mantinham não foi a melhor: todos iro-nizaram com o que parecia ter sido um mau negócio. Não obstante, dando sempre mostras de grande persistência, lavou-a enérgica mas cuidadosamente com sabão amarelo – para obter um resultado final que gerou a surpresa generalizada. Entre as peças mais antigas – o que se percebia pela qualidade muito superior dos embutidos e dos bordados que exibiam – estavam também dois grandes ecrãs com mais de um metro de altura e um

par de compridas pranchas onde desfilavam fiadas de caracteres também em madrepérola, e que na família eram chamadas (ignoro se com acerto ou não) *tábuas das letras da felicidade*. Estas peças, ladeando a mesa dos sacrifícios, ocupavam a parede principal da grande sala onde os móveis de embutidos de Cantão passaram a estar dispostos a partir da década de 1940. Era também muito apreciado e enfatizado um relógio de mesa de decoração semelhante e com mostrador em latão dourado. A estima com que era tratado talvez se compreenda melhor quando percorremos as fotografias dos interiores da casa de Manuel da Silva Mendes (um dos epítomes do colecionismo em Macau na primeira metade do século XX) e encontramos um idêntico, em posição de destaque na entrada principal da habitação.

Mais recentes eram quatro conjuntos de dois cadeirões e a respetiva mesinha alta de chá, com assentos e costas em mármore. Tratava-se de mobiliário relativamente comum à época, feito essencialmente para exportação, que ainda se encontra com frequência em salas europeias ou americanas e, sobretudo, em leilões. Neste caso, o que se destacava era o facto de terem conseguido comprar um jogo completo (não peças semelhantes, mas efetivamente de um *set*)¹⁷ – pois, para todos os efeitos, estavam em causa oito grandes cadeirões de braços e quatro mesinhas. Sabe-se, também por tradição familiar, que teriam sido comprados em Macau – e que a sua aquisição teve lugar “na época do jogo, em que tudo se vendia muitíssimo mais barato”. Aliás, caso contrário, dificilmente os proventos de um tenente bastariam para compras deste jaez, pois tratava-se de peças bastante apreciadas pelos ocidentais. Portanto, neste caso, admito a possibilidade de não terem sido adquiridas num *tin-tin*, mas provirem de uma qualquer casa abastada de Macau.

Também entre as peças mais recentes estava um outro par de ecrãs, se bem que de dimensões relativamente menores, uma mesa redonda de centro, na qual os embutidos de madrepérola conviviam com alguns em pedras duras, e uma mala com o interior forrado a cânfora e respetiva trempe.

O recurso a mobiliário deste género em “salas chinesas” estava já em voga, entre nós, desde há muito. Referindo-se-lhes como “móveis de aparato”, Ana Clara Silveira e Lorena e Maria Manuela Oliveira Mota descrevem-nos nos seguintes termos, apresentando como exemplo os (apesar de tudo mais ricos nos embutidos) existentes no Palácio da Pena, em Sintra

¹⁷ A ideia de conjunto era reforçada pela convicção, seguramente fantasista, de que os largos embutidos circulares de mármore nos espaldares de cada cadeirão representavam, graças às manchas peculiares que cada um tinha, as diferentes fases da lua.

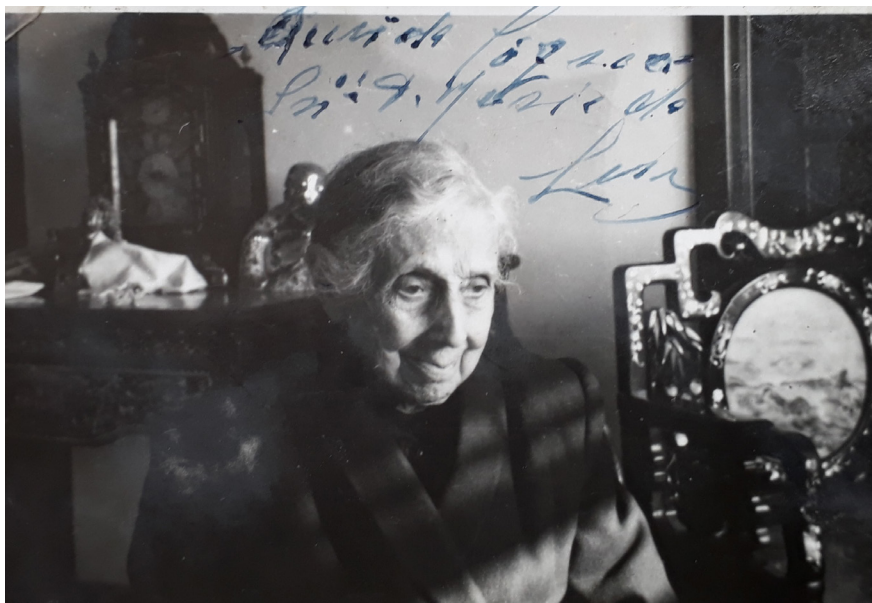
(Mota e Lorena 1999, 88-91): “Produzidos em Cantão, foram encomendados móveis aparatosos, enriquecidos com densa talha e delicados embutidos de madrepérola, para guarnecer grandes salões de palácios e solares, desde os meados do século XVIII” (Mota e Lorena 1999, 87).

Parece ter sido esse o propósito dos Rocha Saraiva quando os adquiriram. Chegados de Macau, instalaram-se primeiro em Cascais, depois em Coimbra e, finalmente, após a passagem de Vítor Saraiva Lopes à reserva, na Venda do Porco. E, se atentarmos nas fotografias que retratam cada um dos períodos da vida da família já em Portugal, é visível a presença – intencional, seguramente, e de forma muito evidente – destas peças de maior espanto. Quer constituindo verdadeiros “recantos chineses”, quer “salinhas de Macau”, o que aliás se articulava bem com a moda da época¹⁸ (figs. 13, 14 e 15).



13 Estoril ou Coimbra
(coleção Casa da Venda do Porco).
Créditos: Autor.

¹⁸ “Não era invulgar encontrar ‘salas chinesas’ nas casas dos lisboetas até meados do século XX” (Mota e Lorena 1999, 135).



14 Coimbra (coleção Casa da Venda do Porco). Créditos: Autor.



15 Coimbra ou Tomar (coleção Casa da Venda do Porco). Créditos: Autor.

Mais tarde, em meados dos anos 1940, quando se instalam na Venda do Porco, começam a dispô-los num vasto salão, cuja decoração assumirá a sua forma final na década de 1960. Nessa divisão ampla – onde, dizia-se com alguma vaidade, os únicos objetos que não tinham sido trazidos do Oriente eram o piano, as lâmpadas dos candeeiros e algumas das molduras que encaixilhavam as fotografias dispersas pelas paredes – recebiam-se convidados de cerimónia e tinham lugar eventos de importância nas dinâmicas da casa. O espaço, precedido por uma sala menor também repleta de mobiliário e objetos decorativos vindos da China, envolto no odor a cânfora que pairava por toda a habitação (a qual chegou a ter uma mala daquela madeira em muitas das suas divisões) e que casava bem com o cheiro do pinhal que a rodeava, evocava sobretudo uma Macau distante e amável, a todo o momento lembrada. Aliás, os próprios esforços na armação da divisão como se, de facto, de uma *sala chinesa* se tratasse (os cadeirões em redor, cada par ladeando uma das mesinhas de chá; a tentativa de construção de uma mesa de sacrifícios convincente, com perfumador, taça de pivetes, castiçais semelhantes aos dos templos) pareciam caminhar nesse sentido.

Menos imponente do que os móveis de Cantão, mas igualmente elegante, era a outra mobília que Maria Celeste da Rocha adquiriu em Macau. Tratava-se de um conjunto contemporâneo, do período hoje designado Minguo, em tamarindo, com decoração simulando bambu e vegetação diversa. Era composto por uma mesa de *mah-jong*, dois cadeirões de braços e uma coluna-papeleira com rica decoração, um conjunto de mesas-mãe e duas lanternas de teto com vidros decorados a ácido.¹⁹

Depois, havia lugar às peças desirmanadas: duas colunas entalhadas (uma com dragões em espiral e outra de pernas em cabriola e decoração floral); um par de mesas de largos tampos de latão de Hong Kong ricamente gravados e pernas amovíveis de tamarindo; uma mesinha de sala com dois tabuleiros da mesma madeira e ornatos em latão (que era acompanhada por uma caixa de charutos, outra de cigarros e alguns cinzeiros, tudo do mesmo conjunto); três mesas-mãe decoradas com delicados embutidos em madre-pérola (as quais ainda hoje mantêm a numeração nas diferentes peças que as compõem e que permitiu a sua montagem, uma vez chegadas a Portugal); uma caixa de máquina de costura em cânfora (provavelmente adquirida em Hong Kong, pois dizia-se que a máquina de lá viera); uma arca goesa com pernas (e as gavetas da praxe); um banco de piano; e até uma simples mesa

¹⁹ Para alguns elementos complementares relativamente a este mobiliário dos anos 1930, cf. Mota e Lorena (1999, 159-165).

de abas em tamarindo (que serviria para tomar o pequeno-almoço no terraço, em Macau). Isto sem esquecer um espelho de parede com moldura em cânfora, três prateleiras entalhadas em pau-preto, um biombo japonês com embutidos e uma mesa feita a partir de uma grande caixa acharoadada, onde então se transportara uma rica colcha roxa em seda profusamente bordada e acompanhada por duas fronhas. E ainda um tapete de Hong Kong em tons rosados.

À semelhança da generalidade dos compradores de peças chinesas da época, os Rocha Saraiva não deixaram de adquirir um lote significativo de jarras e jarrões. De todos eles, o maior investimento tinha sido num par de jarrões *mandarim* já então considerados “antigos”, bem como num bengaleiro de porcelana da mesma época e decoração. Mas, para além deles, compraram pelo menos quatro outras jarras *mandarim* (se bem que já contemporâneas); um par de jarras *blanc-de-Chine* perfuradas; uma jarra de secção quadrangular e delicados reticulados (decorada com cavaleiros em extraordinárias montadas, de acordo com os cânones ocidentais); uma ampla urna dita *de Nanking* com tampa (usualmente chamada *jarrão da guerra*); um vasto jarrão *mil-flores* com pegas em forma de cabeça de elefante; dois jarrões de gargalo alto em latão, com dragões em redor; um jarrão de fundo verde e decorado com dragões coloridos; um jarrão *powder blue*; duas pequenas jarras japonesas em metal e em forma de cabaça; uma jarra branca decorada com uma cena figurativa; outra *de Satsuma* com flores.

Impressionava igualmente o amplo número de peças de porcelana oriental para mesa que conseguiram trazer. Mais uma vez, e mais do que a antiguidade, ressalta a quantidade. Quer incorporadas em serviços completos de chá e café, quer isoladas, terão decerto vindo cerca de duas centenas de chávenas – em grande medida de origem japonesa, a maior parte *kutani*, havendo no entanto pelo menos dois aparelhos de *Satsuma*. Isto sem contar com inúmeras taças e tigelas, pratos, potes de ginjas e peças de menor dimensão; ou quatro painéis de porcelana, duas maiores e as restantes achatadas, o tradicional cestinho de piquenique com o bule e os copos para o chá, e dois curiosos bules em forma de caracteres chineses. Vieram também, pelo menos, oito grandes pratos decorativos em porcelana: um, o maior, *mandarim* antigo; outro de decoração azul; quatro *mandarim* moderno (dois dos quais com motivos exclusivamente florais); e dois adornados com carpas e lagostas. Acrescente-se ainda um serviço *mandarim*, moderno, completo para jantar, a que podemos associar um jogo de mesa de copos de Hong Kong e inúmeras peças em laca: serviços de chá e café para dozes pessoas, tabuleiros, serviço para acepipes e conjunto de taças e *shaker* para *cocktails*,

bem como um tabuleiro de laca e outro de tamarindo entalhado, ambos com embutidos em madrepérola.

Em todas as divisões, em qualquer recanto, havia uma peça a evocar Macau – e Macau era evocada a partir dela. Fosse por causa de uma colorida taça em *cloisonné* com dragões ou de outra *mil-flores*, fosse por um cachimbo de ópio ou uma grande concha de madrepérola gravada e suportada numa base de pau-preto, fosse ainda por um espelho de mão japonês em metal polido mas já terrivelmente embaciado. Sem esquecer as estatuetas em tamarindo, porcelana, osso, marfim, representando personagens, cenas do quotidiano, pagodes e paisagens; caixas de diferentes formas e feitios (de costura, para cartas de jogar, para secretária, para correspondência, para toucador), em madeira e latão, charão, metal, pedra de sabão; dois leões na mesma pedra; gravuras encaixilhadas e rolinhos para suspender. Isto para além de uma boa quantidade de molduras em pau-preto, as tais que encontramos regularmente referidas nas listagens das malas de cânfora: pelo menos três ecrãs, outras três de grandes dimensões com dragões entalhados; duas com decoração floral, três ou quatro simulando bambu. Ou peças mais originais, como uma garrafa para *whisky* decorada com uma montagem em prata, ou uma cigarreira em tartaruga. E artefactos africanos – que não são tão surpreendentes se pensarmos nas escalas que se faziam até chegar a Lisboa –, como quatro grandes presas de elefante entalhadas e um conjunto de armas que o tempo oxidou.

Também avultavam as peças ditas *de latão da China*, em regra adquiridas em Hong Kong (Castro 1952, 61-62), das mais variadas dimensões, feitios e funções. Para além das anteriormente referidas, o casal trouxe um grande candeeiro em forma de pagode (e dois *apliques* que com ele faziam *pendant*); um outro candeeiro, este de parede, pendente de um dragão; um sino que fazia as vezes de *gong*, suspenso numa armação em tamarindo; uma caixa para ópio circular e de generosas dimensões; floreiras serpenteantes e tacinhas para decoração das mesas de jantar; dois budas; uma inusitada armação, dispondo de quatro pratos articulados num par de rodas, para servir bolinhos e acepipes; e dois belos bengaleiros minuciosamente gravados.

Restam as malas de cânfora, razão de ser do título deste trabalho. Que se saiba, eram em número de doze, às quais há que acrescentar outras duas, de dimensões mais reduzidas. Para além da, já referida, revestida a pau-preto e com embutidos em madrepérola à moda de Cantão, havia outra cuja madeira fora enegrecida, decorada com dragões e dispondo de trempe. As demais são em cânfora crua, com ligeiras diferenças na forma (uma ou duas fechaduras, pés diferenciados, decoração variada...). Destas, merecem destaque as que,

graças às listas que aqui se estudam, ficaram conhecidas por *número um* e *número dois*: de dimensões superiores às demais, relevos francamente mais elaborados e assentes em belas trempes de pau-preto. Nelas se acomodaram – mas não só, como em breve se verá – muitos dos têxteis adquiridos por Maria Celeste da Rocha, quer os de uso doméstico, quer os de maior aparato – como uma grande cortina de porta em seda vermelha bordada e uma ainda maior tarja de casamento, também elaboradamente ornada. Chegados a Portugal, expostas as peças, o fio de ouro sobre o vermelhão criava um especial impacto. “Pouco vale – notava a família em privado – mas faz imensa vista aos que nunca viram nada assim.”

Percorramos então as listagens que chegaram até hoje, ou seja, as das malas números um, dois, três e cinco.

As duas primeiras, formando um par, são, de entre a dúzia trazida de Macau, as mais impressionantes. De entalhe particularmente minucioso, têm dimensões avantajadas e estão suportadas por trempes de pau-preto. No interior da “N.º 1” acha-se afixada a lista que consta do anexo I.

A maioria dos objetos que nela se descrevem são, naturalmente, têxteis e peças de vestuário. Ora, a par dos de uso corrente (roupa interior, colchas e almofadões de *crepon*, camisas de dormir, travesseiros, lençóis de banho e “toalhas de rosto”), encontramos peças que imediatamente nos remetem para vivências mais orientais, ainda que adaptadas a padrões europeus (os “robos de algodão” e de seda são na verdade roupões chineses e japoneses, bordados ou estampados com motivos não raro de cores fortes e contrastantes; o mesmo se passando com os “pijames”, masculinos e femininos, onde tanto se podem incluir os efetivamente destinados à noite como conjuntos de calças e camisa/camisola para uso doméstico) e outras associadas a um maior aparato (como é o caso do *manton*,²⁰ um dos vários do género que foram trazidos; do reposteiro e cortinados de seda; dos almofadões bordados). Quanto às toalhas para mesa de jogo, remetem-nos para os ambientes da época, em que desempenhavam uma função importante em várias reuniões sociais. Algumas destas peças que sobreviveram até tempos mais próximos, segundo corria feitas em Macau ou Hong Kong, eram bastante originais em comparação com as suas congéneres europeias, com bordados de cartas de jogar a decorar o pano verde.

²⁰ Sobre estas peças, cf. Mota e Lorena (1999, 176).

No que diz especificamente respeito a lençóis, estes vieram em grandes quantidades: só nas quatro malas cujos inventários estudamos encontramos 78. O número não deve, porém, surpreender. Tratando-se de uma família pouco numerosa, apenas uma parte deles era efetivamente destinada ao uso doméstico, sendo, por outro lado, uma boa fração dos mesmos destinada ao enxoval da filha do casal. Assim, e para além daqueles que se destacavam pela sua qualidade ou matéria (três em “linho bordados com fronhas”, um de seda “com renda”), muitos dos outros também apresentavam bordados orientais, em regra em cores fortes (azul, verde, vermelho, amarelo-alaranjado) sobre tecido branco. O mesmo se pode dizer relativamente aos *napperons* (só nesta mala, 22) e às toalhas de mesa e de chá, com ou sem guardanapos. Algumas destas eram decoradas com bordados semelhantes aos dos lençóis, mas havia igualmente um lote significativo de peças bordadas a ponto-cruz, de acordo com padrões típicos da época que as individualizavam e justificavam o nome genérico que lhes era dado em Portugal: *toalhas de Macau*.

Subsistem algumas dúvidas no que toca a duas das verbas aqui registadas. Por um lado, os “[c]ortinados de filé”: sendo admissível que se referissem a peças de uso corrente, à data muito comuns, admito porém poder tratar-se de parte de seis pares de grandes cortinas, aos quais se juntam outras duas de maiores dimensões, de decoração também de inspiração oriental (com vasos de flores, borboletas, enrolamentos, volutas e ‘gregas’) e que durante décadas decoraram as janelas do salão onde se reuniram muitos dos objetos vindos de Macau. Por outro, as três “[c]obertas para cama”, as quais, desde logo, podem destinar-se ao quotidiano. É certo que o casal também trouxe uma grande colcha em seda roxa, bordada em tons fortes e com duas fronhas condizentes,²¹ mas creio que uma peça com tais características mereceria outro destaque ao ser descrita. Podem, por fim, ser reflexo de outra das memórias que perdurou relativamente à vinda dos objetos para Portugal: houve vários cortes de seda e damasco que, para não pagarem impostos nem tarifas, foram transformados em colchas e cortinas.²²

²¹ Veja-se Mota e Lorena (1999, 176).

²² Não deixa de ser interessante encontrar ecos de práticas mais ou menos idênticas num romance contemporâneo, *Macau (Via Hong Kong). Um romance de amor*, de Avelino Rosa (2001, 160, 165-166).

Finalmente, encontram-se nesta primeira lista dois produtos que se irão descobrir em todas as listagens aqui estudadas: por um lado, as cobertas de filé com forro de seda (que deviam ser muito apreciadas na época, sendo que algumas delas eram decoradas com caracteres e motivos chineses coloridos pintados sobre a renda) e, por outro, os caixilhos de pau-preto “para retratos” (dos quais veio pelo menos uma dezena, sendo três em forma de pequenos ecrãs).

Passemos para a segunda das listas em análise, igualmente datilografada e colada no interior da tampa da outra das arcas maiores, sendo-lhe aposta uma folha de dimensões mais reduzidas onde se lê “N.º 2”. Reproduzimo-la no anexo II.

O que consta desse rol?

Existem vários objetos que se relacionam facilmente com as considerações que teci no que respeita à lista constante da primeira mala: uma mistura entre têxteis de uso corrente (lenços, pares de meias, roupa interior, camisolas e cachecóis de lã, toalhas de bidé, de rosto e de banho, cobertores, cortinados de algodão) e outros de maior requinte (certamente alguns dos lençóis e lenços, entre os quais o de seda, e dos numerosos *napperons*, as toalhas de mesa e de chá, a coberta de filé forrada a seda, as cobertas de seda e em *crepon*, os pijamas e robes e as *parures* igualmente em seda). Em paralelo, também aqui se descobrem um reposteiro e cortinas em seda.

Do recheio desta “Mala n.º 2” importa ainda destacar dois aspetos: por um lado, a existência de artigos do quotidiano que ainda não eram comuns em Portugal (como as peças de faqueiro, sobretudo os talheres para peixe, o estojo com espelho, a manteigueira, os guardanapos para *cocktail*): por outro, o contraste entre objetos orientais com algum primor (os caixilhos em pau-preto e as cobertas de filé e seda; as sombrinhas japonesas e peças claramente decorativas como o pagode e jarras de metal; o ecrã de pau-preto²³ ou a peanha no mesmo material) e as peças mais mezinhas (de que são exemplo as guarnições para cozinha, os aventais de riscado e os sacos de costura), demonstrando que Maria Celeste da Rocha se esforçou efetivamente por nada deixar para trás.

A lista que acompanha a terceira mala vai no mesmo sentido das anteriores – verdadeira mescla entre têxteis e artigos decorativos, uns de uso corrente e outros mais aprimorados, onde achamos, par a par, panos de cozinha e para bolos ou aventais para criada, e um biombo japonês decorado com

²³ Certamente um dos mais pequenos ditos “de Cantão”.

peras duras, um quadro com madrepérola ou um tinteiro lavrado –, com as quais é formalmente muito semelhante. Acha-se transcrita no anexo III.

Resta a lista que acompanha a quinta mala. Apesar de também ser datilografada e estar colada no interior da sua tampa, foi escrita por mão diversa das anteriores (não é, desde logo, precedida da frase introdutória, há palavras grafadas de forma diferente²⁴ e a própria numeração não é apresentada exatamente nos mesmos termos). Admito que tal aconteça por ser a arca que continha a “roupa de uso”, isto é, algumas das peças que admito terem sido utilizadas ao longo da viagem, o que pode indiciar ter sido das últimas a ser fechada e, provavelmente, não ter seguido no porão do navio. Transcrevo-a no anexo IV.

Também se trouxeram recordações para parentes. Cada uma das irmãs de Maria Celeste Rocha recebeu uma mala de cânfora (uma destas senhoras usava a sua para guardar peles), *kimonos*, bem como algumas peças de louça e decoração (serviços de chá, bricabraque em latão e marfim). A sobrinha, que na altura tinha cerca de sete anos, recorda terem-lhe trazido “um pijama de chinesa”, que vestiu no Carnaval. O casal também oferecia objetos vindos de Macau em momentos especiais, quando estavam em causa pessoas próximas. Por exemplo, por ocasião do casamento do sobrinho João Viegas Pimentel com Maria Inês Sinde Filipe, os noivos receberam um prato grande *mandarin*, uma saladeira com talheres em laca vermelha e uma bandeja do mesmo material.

É sabido que, para além das várias malas de cânfora, houve várias outras formas de transporte de objetos rumo a Portugal. Por um lado, boa parte das louças (nomeadamente as chávenas), para não se quebrarem, vieram em caixotes cheios de serradura – um amortecedor económico, abundante e pouco pesado. E o certo é que poucas foram as peças que chegaram partidas. Por outro – e porque nem tudo correu de feição –, António Filipe Pimentel recorda falarem do que não veio em malas de cânfora, ou seja, o que foi encaixotado, provavelmente por já não caber naquelas arcas. Ora, chegados a Lisboa, descobriu-se que alguns desses caixotes tinham sido atacados pela formiga-branca, que neles conseguira entrar ainda em Macau e que durante a viagem, com a sua voracidade habitual, tudo destruíra. Uma das peças que não resistiram era um casaco de peles que, uma vez aberto o caixote, parecia estar miraculosamente intacto. No entanto, “desfez-se em pó quando lhe tocaram”. Permaneceram, durante as décadas e as gerações, ecos desse temor dos estragos produzidos pela formiga-branca, vindos de

²⁴ Como *pijame/pijama*, ou *sêda/seda*.

uma já longínqua passagem por Macau – em parte consubstanciados numa toalha de jantar bordada atacada por ela e que provavelmente fora das poucas peças que se puderam resgatar, ainda que em muito más condições, das tais caixas, guardada durante largas décadas, pois achava-se que as partes menos roídas ainda eram suscetíveis de serem aproveitadas para fazer sacos de guardanapo.

Esse é, aliás, outro dos traços marcantes da estratégia de aquisições de Maria Celeste da Rocha: comprar tanto quanto possível, a preços tão interessantes quanto possível, e nada desaproveitar. Importa assim sublinhar que o casal trouxe tudo, mas literalmente tudo, que conseguira reunir em Macau. E esse é um dos sucessos que obtiveram, pois, para além de reunir as peças, havia que tratar da sua expedição. E tal podia ser uma fonte de desânimos. Quais seriam, então, os métodos de aquisição de Maria Celeste da Rocha? Não difeririam muito dos praticados pela maioria dos interessados em peças chinesas na Macau da época; só que o parecia fazer com uma dedicação e persistência invulgares, o que acabou por lhe garantir um conhecimento eficaz do mercado local, associado à boa capacidade de gestão enfatizada pelos que a conheceram. Em primeiro lugar, um deambular constante e atento pelos *tin-tins*, sempre em busca de novidades e bons preços. Por outro, as compras a preços de saldo na época de jogo. Finalmente, as visitas regulares às lojas de Macau e Hong Kong.

O cuidado em nada deixar para trás reflete-se em vários pequenos aspetos. Pensemos em alguns. Dois pequenos abanicos promocionais de um hotel de Hong Kong foram emalados: brindes modestos, de papel e pega em bambu, do então já célebre *New Asia Hotel*, com filiais em Xangai, Hong Kong e Cantão. Um prato japonês, de grandes dimensões mas ainda em fase de cozedura intermédia (pelo que sem as cores e a decoração finais), mesmo assim não foi deixado para trás e permaneceu, num sótão, acomodado numa caixa de pau, sem qualquer préstimo. Largas dezenas de cartõezinhos vindos em caixas de fósforos²⁵ (representando personagens mitológicas, histórias de complicados enredos, episódios lendários, beldades, aves, comboios, vistas de Xangai, Peking, Hangchow, Wuchang, Hanyang, Hankow, Cantão, Kowloon, Chufu, Taishan, Taian, Hong Kong e Nanquim) não ficaram esquecidos ou foram deitados fora: antes se colecionaram num álbum.

²⁵ Alguns da *Nanyang Brothers Tobacco Co., Ltd. China*.

Isso sem contar com os postais com beirdades orientais da época, as ementas, as gravurinhas de sabor popular, cadernos com autógrafos e uma série de pequenos objetos de papel na altura certamente de valor muito reduzido (por exemplo, um jogo de quatro cartões com personagens cujos trajes são feitos de pedacinhos de selos postais recortados), que enchem álbuns. Ou um convite que à época seria decerto banal, mas que, em Portugal, poderia fazer pensar em misteriosos orientes:

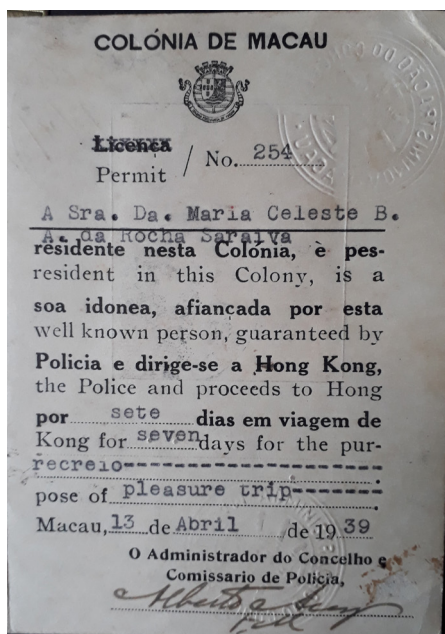
Wong Hón Heng (João) gerente de Fat-Shin-Han, tem o prazer de convidar V. Ex.a e sua Ex.ma família para assistir o *[sic]* seu casamento que terá lugar no dia 8 do corrente e bem como ao jantar no Hotel Ng-Chau ás 20 horas. Macau, 6 de Março de 1936.

Isto a par de alguma documentação administrativa, que de outra forma se teria inevitavelmente perdido, e que foi conservada nos mesmos moldes. É o caso de uns vistos da política de Macau, em português e inglês, que justificavam uma das várias saídas do território em família. Transcrevo um desses impressos, pequena tira de papel dobrada ao meio. Na primeira página lê-se:

Colónia de Macau/ Permit No. 254. A/ A Sra. Da. *[sic]* Maria Celeste B. A. da Rocha Saraiva residente nesta colónia, è pessoa idonea, afiançada por esta Policia e dirige-se a Hong Kong por sete dias em viagem de recreio. Macau, 13 de Abril de 1939/ O Administrador do Concelho e Comissario de Policia *[segue-se a assinatura]*.²⁶

Na segunda página, uma fotografia tipo passe carimbada pelos serviços do consulado britânico em Macau e assinada. Na seguinte, o visto propriamente dito, este agora apenas em português: “Visto. Repartição Central dos Serviços de Administração Civil em Macau, 13 de Abril de 1939./ O Chefe de Serviços, Luís de Menezes Alves” (figs. 16 e 17).

²⁶ Indico em itálico o que foi datilografado nos espaços brancos do impresso. Versão em inglês: “A Sra. Da. *[sic]* Maria Celeste B. A. da Rocha Saraiva residente in this Colony, is a well known person, guaranteed by the Police and proceeds to Hong Kong for seven days for the purpose of *pleasure trip*”.



16 Macau, década de 1930
(coleção Casa da Venda do Porco).
Créditos: Autor.



17 Macau, década de 1930 (coleção Casa da Venda do Porco). Créditos: Autor.

Esta multidão de pequenos nada, de recordações que pouco mais tinham do que valor estimativo, as quais, uma vez de regresso à Europa, exsudavam uma nostalgia profunda pelos “anos de Macau”, regularmente revisitada, parece-me ter três consequências. Por um lado, servia de garante de um período que se estremecera e de um *allure* orientalista que se procurava manter; por outro, testemunha que os propósitos de Maria Celeste da Rocha e família não passaram por apenas trazer objetos em quantidades massivas com fitos negociais ou de mera ostentação, sem com eles desenvolver a ligação que efetivamente estabeleceu; por fim, justificando os móveis, as louças, os tecidos vindos de Macau – humanizando, afinal, toda aquela larga parafernália –, permitiu manter uma proximidade com o Oriente que, mesmo que eivada de todos os desvios que um olhar ocidental pode comportar, tornou a península da desembocadura do Rio das Pérolas extraordinária e paradoxalmente vizinha dos pinhais da Beira. Ao entrarem no entretanto desaparecido *salão chinês*, podiam, à semelhança de Jaime do Inso, que também ficara indelevelmente marcado pela Macau dos anos 1930:

[u]ma sala pequena que só tem de grande a imensa recordação da China. É assim que o oficial de marinha, Jaime do Inso, descreve em 1930 a pequena sala da sua casa de Lisboa onde guardou as recordações da estadia no Oriente. Nada de riquezas nem de monumentais obras de arte [...] apenas recordações perduráveis como as que ficam para uma vida inteira... onde cada Buda que sorri e medita me evoca uma rua... um passeio, cada móvel uma companhia, cada bibelot um mistério [...] (Mota e Lorena 1999, 135)

Só assim, e uma vez mais a título de mera ilustração, se compreende que um grande buda em porcelana, de pele dourada e manto florido, sorrindo beatificamente de olhos em alvo (lembrando um pouco a descrição de Jaime do Inso, fascinado com uma peça do género (Inso 1997, 52-53)), vá, geração após geração, aparecendo em várias fotos e, ainda hoje, depois de ter desaparecido e ser resgatado a um antiquário amável, nos continue a mirar diariamente, numa intimidade de quase pessoa da família. Provando que os objetos, sejam eles exuberantes ou insignificantes, por vezes revelam-se determinantes na construção e manutenção de laços, bem como penhor de proximidade, ultrapassando distâncias, épocas e todo o tipo de reveses. Um buda de semblante alegre, tal como o valor histórico e simbólico de um espólio do jaez do reunido pelos Rocha Saraiva, ou as listagens que servem de base a este trabalho (sempre suscetíveis de serem revisitadas quando as malas de cânfora se abrem), tornam-se testemunhos eloquentes de uma

época e de uma forma de ver e representar Macau. Essas velhas folhas datilografadas, cada uma das “[r]elação dos artigos que acompanham esta mala”, perfumadas pelo odor a cânfora, são ponte privilegiada para uma Macau forçosamente idealizada, ao mesmo tempo distante e próxima. E, em certos casos, decerto mais do que densas dissertações, vão além de graves e ponderadas considerações.

Anexo I

Transcrição da lista da “Mala nº 1”

Mala nº 1

Relação dos artigos que acompanham esta mala:

Reposteiros de sêda verde	1 (um)
Cortinados de sêda verde com renda	2 (dois)
Camisas de dormir (d’homem)	6 (seis)
Cobertas de crepon	1 (uma)
Caixilhos de pau prêto para retratos	5 (cinco)
Coecas de popeline	5 (cinco)
Coecas de algodão	7 (sete)
Robes de algodão	4 (quatro)
Robes de sêda	2 (dois)
Toalhas de jôgo	3 (três)
Almofadões bordados	1 (um)
Almofadões de crepon	2 (dois)
Maton de sêda	1 (um) ²⁷
Pijames de popeline para homem	5 (cinco)
Pijames de sêda para homem	5 (cinco)
Pijames de algodão para senhora	3 (três)
Pijames de seda para senhora	10 (dez)
Travesseiros	38 (trinta e seis)
Lençóis de banho	2 (dois)
Toalhas de rosto	12 (doze)
Lençóis	20 (vinte)
Lençóis de linho bordados com fronhas	3 (três)
Lençóis de seda com rendas	1 (um)
Naperons vários	22 (vinte e dois)
Toalhas de meza	5 (cinco)
Toalhas de chá	10 (dez)
Cortinados de filé	4 (quatro)
Cobertas de filé com forro de sêda	1 (uma)
Cobertas para cama	3 (três)

²⁷ Item riscado.

Anexo II

Transcrição da lista da “Mala nº 1”

Mala nº 2.

Relação dos artigos que acompanham esta mala

Lençóis	12 (doze)
Toalhas de meza com guardanapos	2 (duas)
Sétes	1 (um)
Toalhas para meza de jogo	3 (três)
Couvre-piet [<i>sic</i>]	1 (um)
Caixilhos de pau preto para retratos	5 (cinco)
Pares de meia de algodão	17 (desessete)
Camisolas de lã	4 (quatro)
Cobertas de filé forradas de sêda	1 (uma)
Toalhas para bidé	8 (oito)
Toalhas de banho	2 (duas)
Cuécas de algodão	7 (sête)
Toalhas de chá	4 (quatro)
Cobertores	2 (dois)
Guarnições para cosinha	3 (três)
Cobertas de sêda para cama	2 (duas)
Lenços para homem	12 (doze)
Cobertas de cama de crepon	4 (quatro)
Almofadas de cama de crepon	3 (três)
Pijames de sêda para homem	4 (quatro)
Naperons vários	34 (trinta e quatro)
Aventais de riscado	5 (cinco)
Lençis de sêda	1 (um)
Robes de sêda	1 (um)
Reposteiro de sêda encarnada	1 (um)
Cortinas de sêda encarnada	3 (três)
Pijames de sêda para senhora	3 (três)
Lenços para senhora	12 (doze)
Parures de sêda	3 (três)
Sacos para costura	2 (dois)
Cascois [<i>sic</i>] de lã	2 (dois)

Sombrinhas Japonezas	2 (duas)
Garfos para sobre-meza	12 (doze)
Facas para sobre-meza	12 (doze)
Colheres para refrescos	12 (doze)
Pagóde de metal branco	1 (um)
Jarras de metal	2 (duas)
Estojo de massa com espelho	1 (um)
Manteigueira [<i>sic</i>] de metal	1 (uma)
Lenços de sêda para senhora	3 (três)
Ecran de pau prêto com pianha	1 (um)
Pianha de pau prêto	1 (uma)
Cortinados de algodão	3 (três)
Guardanapos para coktail [<i>sic</i>]	24 (vinte e quatro)
Lenços de senhora com renda de filé	6 (seis)
Camisolas para homem	5 (cinco)
Combinações de sêda preta	3 (três)
Estojo com meio faqueiro para peixe	1 (um)
Almofadões	2 (dois)

Anexo III

Transcrição da lista da “Mala nº 3”

Mala nº 3.

Relação dos artigos que acompanham esta mala

Lençóis	22 (vinte e dois)
Toalhas de chá com guardanapos	7 (sête)
Toalhas de meza com guardanapos	5 (cinco)
Travesseiros	35 (trinta e cinco)
Colchas de filé forradas de sêda	2 (duas)
Naperons vários	18 (desoito)
Lenços de senhora	6 (seis)
Lenços para homem	12 (doze)
Pijames para homem	3 (três)
Cuécas de algodão	3 (três)
Combinações de algodão	3 (três)
Ridous de filé	2 (dois)
Cobertas de sêda para cama	2 (duas)
Parures	2 (duas)
Jarras de metal	1 (uma)
Sepulturas chinas em pedra	2 (duas) ²⁸
Peixe em madeira de pau prêto	1 (um)
Budas de metal	2 (dois)
Cuécas de seda crua	4 (quatro)
Robes de sêda	1 (um)
Lenços de sêda para cabeça	5 (cinco)
Boiões em metal amarelo	4 (quatro)
Cinzeiro em metal amarelo	1 (um)
Fosforeira em metal amarelo	1 (uma)
Tinteiro de pedra lavrada	1 (um)
Panos de cozinha	20 (vinte)

²⁸ Tratava-se de miniaturas munidas de um pequeno botão escondido. Acionado esse dispositivo, o caixão era ejetado da sepultura.

Panos para bôlos	2 (dois)
Bandeja de metal branco	1 (uma)
Mantons	1 (um)
Biombo japonês	1 (um)
Quadros de madeira com madre-pérola	1 (um)
Aventais para criada	1 (um)
Toalhas de mão turcas	5 (cinco) ²⁹

²⁹ Este último item foi acrescentado posteriormente a lápis.

Anexo IV

Transcrição da lista da “Mala nº 5”

Mala nº 5.

Roupa de uso	
Pijamas de flanela	4 quatro
Coberta de file forrada de seda	1 uma
Cobertores	3 tres
Caixilho de pau preto com um retrato	1 um
Avental de criada	1 um
Almofadões azuis	2 dois
Travesseiros	2 dois
Cortinados côr de rosa	4 quatro
Reposteiros de seda encarnada	1 um
Cobertas de seda para cama	1 uma
Couvre-pied	1 um
Toalhas de mesa com guardanapos	4 quatro
Toalha de cha com guardanapos	1 uma
[Toalha de chá] sem [guardanapos]	3 tres
[Toalha] de rosto	24 vinte e quatro
Lençóis	20 vinte
Bambinelas côr de rosa	2 duas
Cobertas de file com forro de seda	2 duas
Naperons varios	12 doze
Uma caixa de cartão com as peças do faqueiro.....	
Estôjo dum faqueiro para 8 pessoas	1 um

Bibliografia

- ARESTA, António, Amadeu Gonçalves, e Tiago Quadros. 2017. *Manuel da Silva Mendes: Memória e pensamento*, vol. I. Livros do Oriente.
- BOTAS, João F.O. 2012. *Macau 1937-45 – Os anos da guerra*. Instituto Internacional de Macau.
- BOTAS, João F.O. 2017. *Manuel da Silva Mendes. Biografia, 1867-1931*. Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau.
- BRAGA, Maria Ondina. 1991. *Nocturno em Macau*. Editorial Caminho.
- CASTRO, Ferreira de. 1952. *A Volta ao Mundo. III volume*. Guimarães Editora.
- CHESNEAUX, Jean. 1976. *A Ásia Oriental nos séculos XIX e XX*. Livraria Pioneira Editora.
- COELHO, R. Beltrão. 1990. *Macau: retalhos. Passado, presente, futuro*. Livros do Oriente.
- DARWIN, John. 2016. *Ascensão e Queda dos Impérios Globais 1400-2000*. Edições 70.
- HESPAÑA, António Manuel. 1999. “O Orientalismo em Portugal (Séculos XVI-XX)”. In *O Orientalismo em Portugal*, coordenado por Ana Maria Rodrigues. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- INSO, Jaime do. 1936. *China*. Edições Europa.
- INSO, Jaime do. 1997. *Cenas da Vida de Macau*, 2.^a edição. Instituto Cultural de Macau.
- MENDES, Carmen Amado. 2016. *As Negociações de Macau 1986-1999*. Universidade de Macau e Centro Científico e Cultural de Macau.
- MOTA, Maria Manuela Soares de Oliveira, e Ana Clara da Silveira e Lorena. 1999. *Artesão Chinês, Cliente Europeu. O móvel chinês de influência ocidental em coleções reais e particulares portuguesas*. Missão de Macau em Lisboa.
- OLIVEIRA, Luís Pedroso de Lima Cabral de. 2005. “Venda do Porco: factos, história, genealogia e tradição familiar no evoluir de uma quinta da Beira”. *Raízes & Memórias* 21: 29-72.
- PINTO, Hermengarda Marques. 1955. *Macau: Terra de lendas*. Campanha Nacional de Educação de Adultos.
- PIRES, Daniel. 1988/89. “António Sérgio em Macau. Nove cartas inéditas”. *Revista de Cultura*, ano II, 2 (7/8) (outubro/março): 109-118.
- PIRES, Daniel. 1992. *Camilo Pessanha Prosador e Tradutor*. Instituto Português do Oriente.
- ROSA, Avelino. 2001. *Macau (Via Hong Kong). Um romance de amor*. Diferença.
- TEIXEIRA, Manuel. 1997. *Toponímia de Macau*, vol. II. Instituto Cultural de Macau.